

**Carta aos jovens psicanalistas periféricos:
não desistam da psicanálise, apesar da sua cafonice**

Gabriel Baessa

Belo Horizonte, 13 de julho de 2024

Caros amigos,

escrevo esta carta para alcançar o máximo possível de pessoas como nós: jovens periféricos, pobres, negros, dissidentes de gênero e sexualidade e que fizeram uma opção pela psicanálise. Alguns desses eu conheço, sei o nome, ouvi as histórias e as angústias que vou apresentar aqui não são novas, pois se fizeram conhecidas enquanto cultivávamos nossa amizade. Aliás, essa carta só existe por causa de alguns amigos que se dispuseram a conversar francamente sobre os desconfortos e as dificuldades, ao mesmo tempo que me ouviam testemunhar algo parecido. Outros de nós, em um recurso imaginário, eu sei que existem mesmo sem saber seus nomes e conhecer seus rostos. Aonde quer que essa carta os alcance, espero que este escrito ecoe várias outras denúncias. Que minhas palavras, palavras de um rosto não conhecido por você, sirvam de acalento e alimentem alguma esperança.

A tese de doutorado de Omar David Moreno Cárdenas (2023) é uma das coisas mais lindas que li recentemente. Em meio à escrita poética inebriante e o trato rigoroso com os conceitos, a abordagem que o autor faz sobre como as cenas de racismo reabrem a ferida ainda não tratada da colonização é merecedora de todos os elogios. Entretanto, sobre o seu trabalho, quero fazer menção a algo que poderia passar despercebido durante uma leitura acadêmica: a sessão de agradecimentos que abre a monografia. Nela, se lê o agradecimento do psicanalista a um amigo por lhe acolher em sua chegada ao Brasil (alguém que deixa sua casa para um lugar longe, sem grandes certezas do que vai achar, sabe que isso é muito) e que também lhe advertiu sobre a cafonice da psicanálise. Mesmo que o autor não tenha explicado o que por meio dessas palavras ele tenha chamado de cafona, como também, mesmo que eu não saiba o que seu amigo tenha tentado dizer a ele por meio desse advertimento, quando li isso reconheci: a psicanálise é mesmo cafona!

Imagino que você pode se indagar: como assim cafona? A isso quem responde não é mais Cárdenas, mas eu. É curioso como aprendemos a ser psicanalistas, a encenar os trejeitos, a encarar um modo de ser. Me lembro que, no começo da graduação em psicologia, achava

engraçado que alguns professores de psicanálise falavam a meia voz, sem muita expressão facial, se servindo de um vocabulário quase em desuso, os apegos ao francês e ao alemão e as coisas sempre mal explicadas para conservar a aura de que o que estavam falando era pouquíssimo acessível e um saber elevado ao último grau — “Lacan não é para todo mundo mesmo”, ouvi uma vez em um espaço de formação. A sensação que sentia diante de situações como essas, mesmo que alguma piada em um primeiro momento surgisse como reação, é a existência de um crivo que sentenciava quem pertence à psicanálise e a quem não merece levar seu nome. Já me peguei falando a meia voz e preferindo o caminho de várias referências, matemas e metáforas para dizer algo que poderia ser dito de maneira um pouco mais simples, mas, assim como os martinicanos forçando um sotaque francês, como Fanon (2008) um dia descreveu, alguma coisa em mim me dizia que aquilo era falseação da minha parte, que aquilo não era eu. Sobre falar francês ou alemão, a formação em uma escola pública da periferia da região metropolitana de Belo Horizonte não me garantiu essa possibilidade. Por um tempo me culpei por isso: “eu não estudo o suficiente?” e “estou sempre um passo atrás, por mais que eu tente ser assim”, foram coisas que pensei. Caro amigo, como você, talvez eu não seja a única pessoa a experimentar e dizer algo próximo a isso. A própria história da psicanálise é insistente em apresentar as disputas, brigas, expulsões e intimidações que cercaram a disciplina e suas credenciais; tensões essas que não ficaram no passado, mas aparecem hoje com uma nova roupagem.

Com a ampliação do acesso ao ensino superior e políticas de reservas de vagas nas universidades, surgiu abertura para os espaços acadêmicos se diversificarem. Mesmo longe do ideal, esse movimento viabilizou que várias pessoas fossem as primeiras de suas famílias a ingressarem nesses espaços — eu sou uma dessas pessoas. Dado a presença da psicanálise nas universidades, vários desses passaram a ler Freud, estudar metapsicologia e se interessar pela clínica. Essa geração de psicanalistas oriundos de escolas públicas, classes baixas e negros encontram várias dificuldades para se formar via instituições, como escolas, sociedades, institutos, etc. (Sousa-Duarte e Morais, 2024). Com certeza você já deve ter se assustado diante do preço de um evento de psicanálise. Isso se dá por um fato: a psicanálise se constitui no Brasil como uma profissão marcadamente das classes mais abastadas financeiramente. Hélio Pellegrino destacou, há décadas, o elitismo que ambientaliza a psicanálise (Pellegrino, 1982). Assim, para além da diversidade censitária, a entrada desses novos rostos à psicanálise trazem tensões também aos temas propostos ao debate. Essas tensões existentes entre os movimentos e reações, mesmo que de forma não pacífica, colocam a impossibilidade de sustentar uma psicanálise afinada às peculiaridades brasileiras sem

pautar ações — para além das falas em mesas redondas, artigos acadêmicos e repositórios de pós-graduação — que se proponham a lidar com o sofrimento produzido pelo racismo, as violências de gênero, os efeitos da heteronormatividade e a segregação que marcam a maioria das subjetividades de nossos territórios. Isso não pode ser ignorado com o argumento de ser muito “sociológico” ou não competente a nós — se isso não nos importa, o que realmente importaria: uma desejoblogia desencarnada?

Colega psicanalista, a cafonice psicanalítica mostra seu rosto e seu sorriso dissimulado cheio de dentes quando pretende com todas as forças agarrar com as unhas o legado de uma herança de Freud que mata o que há de mais rico no próprio Freud: sua capacidade de manter seu pensamento vivo. Frente a uma inventividade marginal ou a intenção de alargar as ideias fundadoras, pode surgir a acusação de que a psicanálise está se rendendo a um capricho narcísico de alguns, supostamente nos mesmos tons das lutas identitárias, expresso por meio de um eu soberano minoritário. Entretanto, o que há de mais narcísico do que um grupo que, por mero capricho e apego à ortodoxia, pretende resistir às interpelações feitas ao campo psicanalítico pelos problemas reais que marcam nossa época?

Cabe também dizer — certamente, algo já sabido por você que lê essa carta — que o começo da clínica pode ser bem mais difícil para nós. Uma colega veio me dizer pasma que, em uma reunião de um grupo de psicanálise que ela faz parte, uma psicanalista mais experiente disse aos mais jovens que não era adequado esperar que a clínica lhe proporcione renda para se custear, pois o que realmente mantia a clínica era o desejo de sustentar a função do analista, mais do que o dinheiro. Fala cômica, para não dizer delirante, de alguém que tem um consultório em um dos bairros mais caros da cidade. Enquanto alguns se engajam em argumentações que ressaltam como o psicanalista é uma função que é excedida unicamente a partir do desejo, vejo amigos sobrecarregados por trabalhos mal remunerados em plataformas *online* de atendimento psicológico que põem em funcionamento a uberização do campo *psi* a todo vapor.

Postulações feministas, transfeministas e *queer* colocam questões à psicanálise há tempos. Dentro dessa linha, talvez a manifestação que declarou o ponto insustentável dessas tensões foi a fala de Preciado aos psicanalistas franceses da Escola da Causa Freudiana, em 2019. Preciado (2022) critica como a epistemologia da diferença sexual continua a ser mantida pelo campo, mesmo com os claros sinais de obsolescência noticiada pelas formas de experimentação de gênero e sexualidade na atualidade. Mesmo com a denúncia clara, como o trabalho de Cavalheiro, Pombo e Triska (2022) registrou, alguns psicanalistas brasileiros famosos decidiram responder publicamente as palavras de Preciado com argumentos já

conhecidos e caricatos: a sexualidade polimorfa e bissexual proposta por Freud dava conta de responder as colocações do filósofo espanhol, talvez ele não conhecesse o ultimíssimo Lacan e, afirmaram ainda, que ele havia sido muito pesado em seu pronunciado. Psicanalista cafonas!

Pessoa que me lê, não quero produzir em você um sentimento fatalista ou ficar preso em um circuito de crítica que se limita ao nível da queixa, sem indicar proposições ou alternativas, como se a psicanálise estivesse condenada e o que nos resta é abandoná-la. Contrário disso, é importante ocuparmos a psicanálise com nossas inquietações. É importante não desistir da psicanálise. Se há uma psicanálise cafona, também há uma que se propõe a se manter viva e a honrar o seu tempo. Academicamente, temos uma leva de pesquisadores que não renunciam a uma abordagem crítica e ética da psicanálise, que utilizam as ferramentas da psicanálise ao lado de recursos que outros campos oferecem, como a teoria crítica, os estudos raciais, teorias feministas e *queer*, estudos pós/anti/contra/de/coloniais, etc. Nos consultórios, mesmo que à sombra do anonimato, vários clínicos exercitam uma escuta que valoriza a singularidade que cada sujeito se posiciona frente ao pulsional, sem deixar longe como elementos do *socius* comparecem na composição da subjetividade que se apresenta ali, mesmo que para isso tenha que ir um pouco além do que a fidelidade a um ou outro autor permitiria.

Fora dos consultórios, nas ruas e praças públicas das grandes cidades brasileiras vemos surgir em larga escala as clínicas públicas e os espaços que oferecem acolhimento para populações vulneráveis, as chamadas clínicas de borda. Não é coincidência que esses espaços tenham surgido com maior frequência em um momento em que os psicanalistas são convidados a pensar suas práticas para além dos seus consultórios localizados em áreas nobres das cidades. Na variedade que contempla as clínicas de borda, faço menção, aqui, ao projeto Freud nas Quebradas¹ que oferece espaços de escuta em Belo Horizonte em favelas, no baixo meretrício da região e em outros espaços públicos; também destaco a iniciativa de psicanalistas do Recife que, por meio do Pontes da Psicanálise², transformam uma das praças da cidade em um espaço convidativo de escuta, sob perspectiva antiracista e anti-imperialista. Essa inventividade também se anuncia no trabalho de muitos analistas nas instituições públicas de saúde, assistência social, justiça e educação que colocam várias perguntas ao psicanalista sobre o que é possível fazer em quadros de violência e precariedade.

¹ Indico a página no Instagram do projeto Freud nas Quebradas: <https://www.instagram.com/freudnasquebradas/>.

² Para saber mais sobre o Pontes da Psicanálise, acessar o link: <https://www.instagram.com/pontesdapsicanalise/>.

O que quero dizer a você, ao mesmo tempo que leio o que escrevo e tento convencer a mim mesmo, é que a psicanálise pode ser um lugar possível para nós. As dificuldades são enormes e sabemos delas. Entretanto, existe algo que marca nossa experiência enquanto periféricos com a psicanálise, seja por meio das insatisfações com suas instituições ou com as teorias, que se converte em potência para ativar na psicanálise o que ela tem de mais radical: a desconfiança. Amigo, há uma graça na marginalidade, há nas ideias periféricas algo que a psicanálise sempre precisou para se manter viva. O que seria da psicanálise se Ferenczi a tivesse abandonado por conta da censura de Freud a ele devido suas inovações teóricas? O que teria sido de nós se Lacan tivesse desistido da psicanálise quando foi expulso da *International Psychoanalytical Association* (IPA) por conta de sua conceituação sobre o objeto a? Vejo algo emblemático no fato de Guattari continuar a se reivindicar psicanalista até o fim de sua vida, mesmo depois de suas críticas ferrenhas ao familiarismo edípico e à apatia política que a psicanálise de sua época mantinha. O que teria sido da psicanálise brasileira se Virgínia Bicudo não tivesse continuado seu trabalho mesmo com o coro racista de seus colegas de profissão a desqualificando e dizendo que as análises conduzidas por ela poderiam tornar neuróticos em psicóticos? A resposta é que a psicanálise teria morrido por esterilidade, ou seja, ela não teria recebido os litros de oxigênio necessários para chegarmos onde nossos pés pisam hoje. Apesar de quão longe tenhamos chegado, é preciso avançar ainda mais. Há uma convocação ética e a necessidade de um fazer político por meio da psicanálise que nos coloca em trabalho!

Pessoas que me lêem, confesso que essa carta foi marcada pela hesitação em expor desconfortos tão íntimos. O que me fez vencer essa hesitação e me dedicar na escrita deste texto foi a possibilidade de alcançar pessoas que partilhem das inquietações acima expostas, enxergando nestas páginas a chance de dizer em voz alta, bem diferente da meia voz, alguns incômodos que são comuns a jovens psicanalistas periféricos. Última confissão: durante o tempo que me dediquei a esse escrito fiquei imaginando um suposto leitor e me surpreendi com a imagem que grudou em minha mente: um jovem cansado, em um ônibus cheio, cruzando a cidade voltando da faculdade para sua casa. Li durante toda minha graduação nos ônibus por não ter outro momento para me dedicar à leitura e garanto que é ótimo levar Freud para um passeio de ônibus em horário de pico. Reforço mais uma vez que a psicanálise é uma invenção, uma ferramenta, um dispositivo que ultrapassa o direito de posse freudiano, quanto mais o de qualquer outro que queira reivindicar a autoridade absoluta sobre suas credenciais. Através dela podemos fazer muito. Portanto, e digo isso também a mim, não desistam da psicanálise, apesar da sua cafonice.

Com carinho,

Gabriel Baessa

Referência

- Cárdenas, O. D. M. (2023). *A colonização e seus restos: transmissão, linguagem e olhar*. [Tese de doutorado, Universidade Federal de Minas Gerais]. <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/57062/1/Tese.%20A%20coloniza%c3%a7%c3%a3o%20e%20seus%20restos..pdf>
- Cavalheiro, R., Pombo, M., & Triska, V. H. (2022). No Divã de Paul B. Preciado: Psicanálise e (Des)obediência Epistêmica. *Estudos E Pesquisas Em Psicologia*, 22(4), 1393–1413. <https://doi.org/10.12957/epp.2022.71644>.
- Fanon, F. (2008). *Peles negras, máscaras brancas*. EDUFBA.
- Pellegrino, H. (1982). Análise da instituição psicanalítica: Um caso clínico. In G. Cerqueira Filho (Org.), *Crise na Psicanálise* (pp. 29-51). Edições Graal.
- Preciado, P. (2022). *Eu sou o monstro que vos fala: relatório para um academia de psicanalistas*. Zahar.
- Sousa-Duarte, F., & Morais, A. P. (2024). Uma psicanálise negra: desobediências ontológicas e epistêmicas de psicólogas e psicanalistas racializadas. *Psicologia & Sociedade*, 36, e276395. <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2024v36276395>.

Resumo

Este ensaio, que se apresenta por meio de uma carta em tom intimista e escrita na primeira pessoa do singular, trata da formação de jovens psicanalistas periféricos. Por meio do testemunho do autor sobre sua experiência formativa enquanto um jovem periférico, explora-se como o percurso desses jovens analistas esbarra com questões já há muito reportadas ao campo psicanalítico, como o elitismo que a profissão guarda, o dogmatismo teórico e a conservação da epistemologia sexual — questões essas congregadas, aqui, na rubrica de “cafonice psicanalítica”. Ao final, é posto em destaque como uma certa marginalidade na história das ideias psicanalítica sempre foi fundamental para a disciplina se manter em produção; assim, é defendido que a entrada de novos profissionais periféricos, negros, oriundos de escolas públicas e de classe baixa podem trazer ampliações necessárias à psicanálise brasileira contemporânea.

Palavras-chaves: psicanálise, formação em psicanálise, jovens periféricos, clínica psicanalítica.